

Diana Albarrán

ZAJEZUON

DIANA ALBARRÁN GONZÁLEZ

University of Auckland

<https://orcid.org/0000-0003-4093-6674>

Dr Diana Albarrán González is a Native Latin American design researcher and craftivist from Mexico. She is a Lecturer in the Design programmes at the Creative Arts and Industry faculty at the University of Auckland. With more than 18 years of international experience, she seeks to address challenges in a variety of contexts through a meaningful sense of culture, diversity awareness and sensitivity, and the exploration of connections between Moana-nui-a-Kiwa and Abya Yala.

HOW TO QUOTE (APA7):

Albarrán González, D. (2022). Weaving decolonising metaphors: Backstrap loom as design research methodology. In M. Mortensen Steagall and S. Nesteriuk (Eds.) *Proceedings of LINK 2022 4th Edition of the International Conference of Practice and Research in Design & Global South Vol.3 No.1* (pp. 33-36). DOI: <http://dx.doi.org/10.24135/link2022.v3i1.186>

Video
Presentation



Weaving decolonising metaphors: Backstrap loom as design research methodology

Keywords

Backstrap loom; Decolonization; Design Research; Metaphor; Methodology.

Decolonising approaches have challenged conventional Western research creating spaces for Indigenous, culturally-appropriate, and context-based research alternatives. Decolonising design movements have also challenged dominant Anglo-Eurocentric approaches giving visibility to other ways of thinking and doing design(s). Indigenous peoples have considered metaphors as important sense-making tools for knowledge transmission and research across different communities. In these contexts, Indigenous craft-design-arts have been used as metaphorical research methodologies and are valuable sources of knowledge generation, bringing concepts from the unseen to the physical realm manifested through our hands and bodies. In particular, Indigenous women have used the embodied practices of weaving and textile making as research methodology metaphors connecting the mind, body, heart and spirit. Situated in the highlands of Chiapas, this research proposes backstrap loom weaving as a decolonial design research methodology aligned with ancestral knowledge from Mesoamerica. For Mayan Tsotsil and Tzeltal peoples, jolobil or backstrap loom weaving is a biocultural knowledge linked to the weaver's well-being as part of a community and is a medium to reconnect with Indigenous ancestry and heritage. Resisting colonisation, this living textile knowledge and practice involve collective memory, adapting

and evolving through changes in time. Mayan textiles reflect culture, identity and worldview captured in the intricate patterns, colours, symbols, and techniques. Jolobil as a novel methodological proposal, interweaves decolonial theory, visual-digital-sensorial ethnography, co-design, textiles as resistance, Mayan cosmovision and collective well-being. Nevertheless, it requires the integration of onto-epistemologies from Abya Yala as fundamental approaches like sentipensar and corazonar. Jolobil embodies the interweaving of ancestral knowledge with creative practice where the symbolism of the components is combined with new research interpretations. In this sense, the threads of the warp (urdimbre) representing patrones sentipensantes findings are woven with the weft (trama) as the embodied reflexivity of sentipensar-corazonando. As the weaver supports the loom around her waist, the cyclical back and forth motion of weaving jolobil functions as analysis and creative exploration through sentipensar and corazonar creating advanced reflexive textile narratives. The interweaving of embodied metaphors and textiles with sentipensar, corazonar, mind, body, heart and spirit, contribute to the creation of decolonising alternatives to design research towards pluriversality, aligned with ways of being and doing research as Mesoamerican and Indigenous women.

Tecendo metáforas descolonizadoras: o tear backstrap como metodologia de pesquisa em design

Palavras Chave:

Tear de backstrap; Descolonização; Pesquisa em Design; Metáfora; Metodologia.

As visões coloniais modernas do Norte Global enfatizam demais a mente para a produção de conhecimento e a criação de sentido sobre as diferentes dimensões do corpo. No Sul Global, diferentes onto-epistemologias reconhecem que a compreensão vai além da mente como sentipensar (Fals Borda, 2009) e corazonar (Cepeda H., 2017; Pérez Moreno, 2012). Esta apresentação discute os insights significativos do aprendizado de tecelagem de tear traseiro (jolobil) como uma abordagem de descolonização. Durante minha jornada de pesquisa, um desejo intuitivo crescente de aprender o jolobil tornou-se uma experiência transformadora, mudando a direção e contribuindo para a investigação de diferentes maneiras. A reflexividade incorporada de jolobil conectando corpo, mente, coração e energia vital (espírito) em relação às pessoas e ao lugar permitiu uma construção de sentido holística de Lekil Kuxlejal, um Tsotsil maia e equivalente Tselal de Buen Vivir. Considerando a importância das diferentes dimensões do corpo para a criação de sentido e a presença do coração na cultura maia (e mesoamericana), a documentação de meu aprendizado jolobil através dos “olhos do coração” serviu como uma janela para não experimentar apenas o processo complexo e trabalhoso de tecelagem de tear traseiro, mas também para permitir que os espectadores mergulhem no jolobil, uma compreensão do meu aprendizado corazonando. Jolobil, uma prática cultural pré-colonial ensinada pela deusa Ixchel, é atualmente uma prática viva diretamente relacionada ao bem-estar do tecelão como parte de uma

comunidade, e é um meio para se reconectar com a ancestralidade e herança indígenas. Também possui fortes dimensões afetivas, onde os tecelões requerem paciência e concentração para deixar o coração fluir pelos fios, nutrindo e orientando o processo, proporcionando uma sensação de harmonia, bem-estar e pertencimento. A prática do jolobil é frequentemente feita em torno da família ou em grupos, permitindo a integração intergeracional e a transmissão de conhecimento. Estes elementos, alinhados à minha herança cultural, foram integrados por meio da inclusão de meus familiares durante a pesquisa de campo, uma postura descolonial como mulher nativa latino-americana. Outra contribuição da minha experiência corporificada foi usar o jolobil como uma metáfora de pesquisa, tecendo teorias, métodos e ferramentas de diferentes disciplinas, como antropologia, sociologia e design, ao lado de conhecimentos indígenas. Usando a descolonização como um quadro transversal, esta abordagem metodológica entrelaça etnografia visual-digital-sensorial, codesign, cosmovisão maia (visão de mundo), têxteis como resistência e zapatismo para a exploração do que constitui uma vida justa e digna, Lekil Kuxlejal, para maia Tecelões Tsotsil e Tselal, em colaboração coletiva e horizontal. Ecoando o apoio do tecelão ao tear com a parte inferior das costas, o jolobil inclui o conhecimento por meio de nossos corpos e práticas criativas, através da incorporação, sentipensar e corazonar como a integração de nós mesmos com o Todo, um ser único com o Todo.

Tejiendo metáforas descolonizadoras: el telar de cintura como metodología de investigación en diseño

Palabras clave:

Telar de cintura; Descolonización; Investigación de diseño; Metáfora; Metodología.

Los puntos de vista coloniales modernos del Norte Global exageran la mente para la producción de conocimiento y la construcción de sentido sobre las diferentes dimensiones del cuerpo. En el Sur Global, diferentes onto-epistemologías reconocen que la comprensión va más allá de la mente como sentipensar (Fals Borda, 2009) y corazonar (Cepeda H., 2017; Pérez Moreno, 2012). Esta presentación analiza las ideas significativas del aprendizaje del tejido en telar de cintura (jolobil) como un enfoque descolonizador. Durante mi viaje de investigación, un creciente deseo intuitivo de aprender jolobil se convirtió en una experiencia transformadora que cambió la dirección y contribuyó a la investigación de diferentes maneras. La reflexividad encarnada del jolobil que conecta cuerpo, mente, corazón y energía vital (espíritu) en la relación con las personas y el lugar permitió una toma de sentido holística del Lekil Kuxlejal, un equivalente maya Tsotsil y Tseltal del Buen Vivir. Considerando la importancia de las diferentes dimensiones del cuerpo para la toma de sentido y la presencia del corazón en las culturas mayas (y mesoamericanas), la documentación de mi aprendizaje de jolobil a través de "los ojos del corazón" sirvió como una ventana para experimentar no sólo el laborioso y complejo proceso del tejido en telar de cintura, sino también para permitir que los espectadores se sumerjan en el jolobil, una comprensión de mi aprendizaje corazonando. El jolobil, una práctica cultural precolonial enseñada por la diosa Ixchel, es actualmente una práctica viva directamente relacionada con el bienestar del tejedor como parte de una comunidad, y es un

medio para reconectarse con la ascendencia y el patrimonio indígenas. También tiene fuertes dimensiones emocionales-afectivas donde los tejedores requieren paciencia y concentración para dejar fluir el corazón a través de los hilos, nutriendo y guiando el proceso proporcionando una sensación de armonía, bienestar y pertenencia. La práctica del jolobil se realiza con frecuencia en familia o en grupos, lo que permite la integración intergeneracional y la transmisión de conocimientos. Estos elementos, alineados con mi herencia cultural, se integraron a través de la inclusión de los miembros de mi familia durante la investigación de campo, una postura decolonial como mujer nativa latinoamericana. Otra contribución de mi experiencia encarnada fue usar el jolobil como una metáfora de investigación entretejiendo teorías, métodos y herramientas de diferentes disciplinas como la antropología, la sociología y el diseño junto con los conocimientos indígenas. Utilizando la descolonización como marco transversal, este enfoque metodológico entrelaza la etnografía visual-digital-sensorial, el co-diseño, la cosmovisión maya, los textiles como resistencia y el Zapatismo para la exploración de lo que constituye una vida justa y digna, Lekil Kuxlejal, para los tejedores Tsotsil y Tseltal mayas en colaboración colectiva y horizontal. Haciendo eco del apoyo del tejedor al telar con su espalda baja, el jolobil incluye el conocimiento a través de nuestro cuerpo y crea prácticas a través de la encarnación, el sentipensar y el corazonar, como la integración de nosotros mismos con el todo, a ser uno con el todo.